Das “razões dos céticos” à natureza da alma:

Tradução de uma carta de Descartes de março de 1637[1]

Rafael Teruel Coelho[2] [3]

RESUMO

O trabalho apresenta a tradução de uma carta de Descartes a um destinatário desconhecido, segundo a qual o filósofo comenta algumas de suas teses metafísicas. Aliás, vale destacar que, a despeito da matéria em questão, não se trata de um comentário do filósofo ao texto de suas *Meditações*, mas ao *Discurso do método*.

PALAVRAS-CHAVE

Dúvida hiperbólica; Alma; Deus.

[1] Data incerta, mas estabelecida por Adam e Tannery. A esse respeito, *cf*. o breve texto introdutório redigido pelos organizadores (AT I 352; 1996, p. 352).

[2] Agradecemos à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), que por meio de uma bolsa de estudos (processo no 21/14838-2) possibilitou a produção deste trabalho. Agradecemos também ao Prof. Dr. Luís César Guimarães Oliva por seus comentários ao rascunho da presente tradução.

[3] Doutor e mestre em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP). Durante seu doutoramento, foi bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e desenvolveu pesquisas acerca da filosofia de Elisabeth da Boêmia e de René Descartes, sobretudo no que concerne à natureza da alma e da união substancial. Realizou um estágio de pesquisa doutoral na Université Paris I – Panthéon-Sorbonne, no qual dedicou-se às análises da moral cartesiana. Lattes: 9540578217512846. E-mail: teruel@usp.br. ORCID: 0000-0003-2573-1902.

From the “reasons of the skeptics” to the nature of the soul:

Translation of a letter from Descartes from March 1637

ABSTRACT

This is a letter from Descartes to an unknown recipient in which the philosopher discusses some of his metaphysical theses. Incidentally, it is worth noting that, regardless of the subject matter, this is not a commentary by the philosopher on the text of his *Meditations*, but rather on the *Discourse on the method*.

KEYWORDS

Hyperbolic doubt; Soul; God.

Recebido: 18/09/2025
Aceito: 28/05/2026
Publicado: 11/11/2026

DOI: https://doi.org/10.59780/rqal5715

Introdução

A breve carta da qual nos ocupamos não nos revela informações a respeito de seu destinatário. É por isso que, ao utilizarmos o tomo I das *Oeuvres de Descartes* organizadas por Charles Adam e Paul Tannery para a feitura da presente tradução, beneficiamo-nos igualmente de seus comentários a esse respeito, comentários estes que serviram de introdução à carta LXXI da mesma coleção. Nas palavras de Adam e Tannery:

> sem nome nem data em Clerselier (*À Monsieur****, diz ele somente) [...]. Como destinatário possível, podemos indicar Silhon, que havia publicado *Les deux verités, l'une de Dieu et de sa providence, l'autre de l'immortalité de l'ame* (Paris, Pierre Billaine, in-4º, 1634) [...]. Então, é natural que Silhon, preocupado com questões teológicas, tenha sobretudo se interessado por aquilo que Descartes havia escrito sobre a existência de Deus e da alma humana e lhe tivesse enviado objeções a esse respeito. [...] Poderíamos também pensar no abade Delaunay (ver o início da carta LXXXII a seguir) e, nesse caso, a data desta carta deveria ser adiada até junho. Se as indicações dadas na Carta LXXXII não estão exatamente de acordo com o conteúdo desta, torna-se difícil resolver a questão de um modo decisivo (P. T.) (AT I 352; 1996, p. 352).

Ora, à luz destas especulações, resta-nos afirmar que a eleição de um destinatário ideal para esta carta é absolutamente arbitrária.[4] Seja ele Jean de Silhon ou o Pe. Delaunay, o mais relevante que se encontra nestas linhas é, de fato, a síntese dos conteúdos apresentados por Descartes a respeito de sua ainda embrionária doutrina metafísica. Com pouquíssimas palavras, o filósofo revisitou a quarta parte do *Discurso do método*,[5] comentando brevemente as "razões dos céticos", a existência da alma e de Deus. Trata-se de uma retomada de determinados temas que eram muito caros a Descartes, que vão inclusive consistir em objeto de uma de suas mais importantes obras: as *Meditações metafísicas*.

Referindo-se à quarta parte do *Discurso*, Descartes afirma ter se demorado naquilo que ele chama de "fortes razões dos céticos", cujo objetivo era o de fazer com que os seus leitores se afastassem verdadeiramente dos sentidos e iniciassem um percurso metafísico rumo à natureza da alma e àquela de Deus. Contudo, e isso não é novidade para os leitores de Descartes, a força peculiar aos argumentos céticos, por sua vez, faz-nos alcançar o caráter hiperbólico da dúvida, mas possui um limite: "[...] aquele que duvida de tudo o que é material não pode, por

[4] Ferdinand Alquié, embora discorde de Adam e Tannery (AT I 352) e não defina a data da carta como março de 1637 (ele prefere assinalar que se trata de uma missiva que data de "fim de maio de 1637" (Descartes, 1963, p. 537)), tampouco aponta um destinatário.

[5] Embora o conteúdo da carta não seja claro sobre a qual de suas obras Descartes estivesse se referindo, o ano de 1637 é aquele da publicação do *Discurso do método*. Por isso, na nota de número 2 (inserida ao final da primeira frase da carta) escrita por Alquié confirma o que acabamos de dizer: "então, Descartes confessa da maneira mais clara a insuficiência da metafísica contida na quarta parte do *Discurso do método*" (Descartes, 1963, p. 537).

esse motivo, de nenhum modo duvidar de sua própria existência" (AT I 353; Adam; Tannery, 1996, p. 353). Eis, portanto, Descartes no limiar daquilo que, anos mais tarde, leríamos na segunda meditação, na qual ele se situa diante da existência do espírito, cuja verdade lhe é certa mesmo a despeito da incerteza da existência do mundo natural. Dito isso, em poucas linhas, o filósofo apresenta uma definição lapidar da alma, que não será estranha aos olhos daqueles que se darão ao trabalho de ler as *Meditações* que viriam a ser publicadas em 1641: "[...] um ser ou uma substância que não é corporal, que sua natureza é apenas pensar [...]" (AT I 353). Definição simples, mas clara e completa: a alma não é nada mais do que uma substância propriamente dita, da qual o principal traço ontológico é pensar. Portanto, *res cogitans*, uma substância pensante.

Sob esse prisma, pode-se claramente compreender a relevância e o alcance não apenas metodológico, mas ontológico da dúvida hiperbólica no contexto da metafísica cartesiana, dado que se trata de uma etapa indispensável à afirmação do *cogito*. Afirmação esta que é a de uma substância essencialmente pensante e radicalmente distinta da coisa extensa, cujas principais características presentes em sua natureza (como é o caso da altura, largura e profundidade) não se aplicam de modo algum à mente do ser humano, criada por Deus. É por isso que o ato de duvidar, sendo (nesse caso) intrinsecamente coexistente ao ato de pensar, sobretudo por se tratar de um modo da *res cogitans*, assegura a possibilidade lógica de existência de uma substância que, para Descartes, reduz-se à sua ação, isto é, ao pensamento (Cardoso; Ferreira, 2001, p. 30).

Nesse sentido, aquilo que anos após a feitura da presente carta Descartes chamará de "primeira meditação" é, sem sombra de dúvidas, parte integrante (e até mesmo vital) do próprio texto das *Meditações metafísicas*, não podendo ser prescindido por aqueles que, uma vez decididos a seguir os próprios passos de Descartes, aceitaram o desafio de meditar com ele sobre a natureza divina e também acerca de Sua mais nobre criatura, a saber, o espírito humano. Isso quer dizer que, em Descartes (ao contrário daquilo que usualmente se dá em um tratado de natureza teológica, como os textos de São Tomás de Aquino, por exemplo, cujas linhas inaugurais devem ser marcadas pela luz da graça e da fé naquilo que virá a ser afirmado), o texto das *Meditações* – a despeito de sua vocação eminentemente metafísica – deve ceder lugar à tentação da dúvida, o que afasta nosso filósofo de um feito de natureza essencialmente teológica e insere-o *de fato* no terreno acidentado da Filosofia seiscentista.

Feita esta breve introdução, analisemos as próprias linhas de Descartes, cujo teor nos apresenta uma síntese do percurso do autor em sua quarta parte do *Discurso do método*, na qual ele próprio afirma: "não sei se deva falar-vos das primeiras meditações que aí realizei; pois são

tão metafísicas e tão pouco comuns, que não serão, talvez, do gosto de todo mundo" (Descartes, 1973, p. 54). Se, porventura, as meditações tais como as empreendidas por Descartes (por demasiadamente intelectuais que elas possam ser) possivelmente cheguem a desagradar o grande público, o mesmo não se dá com o filósofo das ideias claras e distintas. Pois, a despeito de ele próprio ter dito à Elisabeth da Boêmia "[...] que seria muito prejudicial ocupar muitas vezes o entendimento a meditá-los [os princípios da metafísica] [...]" (Cardoso; Ferreira, 2001, p. 38), o filósofo consagrou-se enormemente à reflexão das coisas espirituais, dedicando-se em muitas ocasiões a expor suas ideias a esse respeito, como veremos na carta a seguir. Portanto, eis o texto.

Tradução

[353][6]
Senhor,

Como notais, confesso que há um grande defeito no escrito que vistes, e que não desenvolvi suficientemente, a fim de torná-las fáceis [à compreensão] de todos, as razões pelas quais penso provar que não há nada no mundo que seja em si mais evidente e mais certo do que a existência de Deus e da alma humana. Mas não ousei tentar fazê-lo, até porque teria sido preciso explicar longamente as mais fortes razões dos céticos para dar a ver que não há nenhuma coisa material de cuja existência possamos estar certos, e por esse mesmo meio acostumar o leitor a libertar seu pensamento das coisas sensíveis; depois, teria sido preciso mostrar que aquele que duvida de tudo o que é material não pode, por esse motivo, de nenhum modo duvidar de sua própria existência; segue-se disso que este, isto é, a alma, é um ser ou uma substância que não é corporal, que sua natureza é apenas pensar e que ela é a primeira coisa que podemos conhecer com certeza. Mesmo detendo-nos por um longo tempo nessa meditação, adquirimos pouco a pouco um conhecimento muito claro, e ouso até mesmo dizer intuitivo, da natureza intelectual em geral, cuja ideia, quando considerada sem limites, é a que nos representa Deus, enquanto que, quando limitada, representa-nos a ideia de um anjo ou de uma alma humana. Ora, não é possível entender bem o que eu disse a seguir acerca da existência de Deus se não começarmos por aí, tal como dei a entender suficientemente na página 38[7]. Mas receei que essa

[6] Paginação do tomo I das *Oeuvres de Descartes* de Adam e Tannery (AT I 352-54; 1996, p. 352-54).
[7] Paginação referente à obra *Discurso do método*.

entrada, que teria parecido de início querer introduzir [354] a opinião dos céticos, perturbasse os espíritos mais fracos, principalmente porque estava escrevendo em língua vulgar; por isso, somente ousei inserir o pouco que se encontra na página 32[8] depois de ter feito um prefácio. E no que concerne a vós, Senhor, e aos vossos semelhantes, que são dos mais inteligentes, esperei que, se vos derem ao trabalho não apenas de ler, mas também de meditar por ordem as mesmas coisas sobre as quais afirmei ter meditado, detendo-vos por um longo tempo em cada ponto para ver se falhei ou não, tirareis as mesmas conclusões às quais cheguei. E, no primeiro momento de lazer que eu tiver, farei com prazer o esforço de tentar esclarecer melhor esse assunto e terei nisso alguma oportunidade de vos testemunhar que eu sou etc.

REFERÊNCIAS

CARDOSO, Adelino; FERREIRA, Maria Luísa Ribeiro (org.). *Medicina dos afectos:* correspondência entre Descartes e a princesa Elisabeth da Boémia. Oeiras: Celta, 2001.

DESCARTES, René. Correspondance avril 1622 – février 1638. Lettre LXXI. *In*: DESCARTES, René. *Oeuvres de Descartes*. Vol. 1. Ed. Charles Adam e Paul Tannery. 2ª ed. Paris: J. Vrin, 1996, p. 352-54.

DESCARTES, René. *Discurso do método*; *Meditações*; *Objeções e respostas*; *As paixões da alma*; *Cartas*. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

DESCARTES, René. *Oeuvres philosophiques*: tome I (1618-1637). Vol 1. Ed. Ferdinand Alquié. Paris: Garnier, 1963.

[8] Paginação referente à obra *Discurso do método*.